



1984

**EU
LEIO**



1984

George Orwell



Tradução

Fábio Delano

Apresentação

Lira Neto

Ilustração

Amanda Miranda

**TEXTO
INTEGRAL**

ea
editora ática

Título original: 1984

Título da edição brasileira: 1984

PRESIDÊNCIA Mario Ghio Júnior

VICE-PRESIDÊNCIA DE EDUCAÇÃO DIGITAL Camila Montero Vaz Cardoso

DIREÇÃO EDITORIAL Lidiane Vivaldini Olo

GERÊNCIA EDITORIAL Julio Cesar Augustus de Paula Santos

COORDENAÇÃO EDITORIAL Laura Vecchioli

EDIÇÃO Juliana Muscovick

REVISÃO Silvia Campos e Marília Bellio

PROJETO PEDAGÓGICO Mário Fernandes Ramires

APRENDIZAGEM DIGITAL Renata Galdino (ger.), Beatriz de Almeida Pinto Rodrigues da Costa (coord. Experiência de Aprendizagem), Carla Isabel Ferreira Reis (coord. Produção Multimídia), Daniella dos Santos Di Nubila (coord. Produção Digital), Rogerio Fabio Alves (coord. Publicação), Vanessa Tavares Menezes de Souza (coord. Design Digital).

PLANEJAMENTO, CONTROLE DE PRODUÇÃO E INDICADORES Flávio Matuguma (ger.), Juliana Batista (coord.) e Jayne Ruas (analista)

PROJETO GRÁFICO E REDESENHO DO LOGO Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

CAPA E ILUSTRAÇÕES Amanda Miranda

EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO Estúdio Insólito

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Orwell, George, 1903-1950

1984 / George Orwell ; tradução de Fábio Delano ;
ilustrações de Amanda Miranda ; apresentação de Lira Neto
— 1. ed. — São Paulo : Ática, 2022.
320 p.

ISBN 978-65-5739-001-6

1. Ficção inglesa I. Título II. Delano, Fábio III. Miranda,
Amanda IV. Lira Neto

22-0238

CDD 823

Angélica Ilacqua - CRB-8/7057

CL 525653

CAE 760507

2022

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:



editora ática

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Av. Paulista, 901

Bela Vista — São Paulo — SP — CEP 01311-100

Tel.: (0xx11) 4003-3061

Conheça o nosso portal de literatura Coletivo Leitor:

www.coletivolector.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

Apresentação **7**

I **13**

II **108**

III **219**

Apêndice **286**

George Orwell:
Um contestador da sociedade **301**

1984 **303**

Bibliografia **311**

1984

Este é um livro extraordinário — e profundamente perturbador. Lançado há mais de 70 anos, conserva desconcertante atualidade. De lá para cá, o mundo experimentou sucessivos abalos, reviravoltas, transformações. Contudo, a cada releitura — e a cada geração de leitores —, a obra-prima de George Orwell continua a apresentar novos significados e possibilidades de interpretação. Como tal é possível? O que há na história e nos dramas vividos por Winston Smith, o protagonista desta clássica distopia, que insiste em nos transtornar, suscitar calafrios, tirar o sono, atijar pesadelos?

Quando lançado originalmente, em 1949, o texto foi lido como uma contundente denúncia contra os regimes totalitários que assombraram o século XX — o nazifascismo, de um lado, e o stalinismo, de outro. Por isso mesmo, como observou o crítico britânico Dorian Lynskey, progressistas e conservadores, esquerdistas e direitistas, liberais e libertários, anarquistas e católicos, todos passaram a reivindicar para si os supostos sentidos da obra — embora o próprio Orwell sempre tenha deixado clara a posição que ocupava no espectro político. “Cada linha de trabalho sério que redigi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrático.”

No meu caso, li este livro pela primeira vez exatamente em 1984, quando de uma das edições especiais alusivas à data.





O Brasil começava a romper um longo ciclo autoritário, instaurado pelos militares duas décadas antes. Inevitável deixar de associar então a truculência e a angústia das cenas descritas por Orwell à atmosfera de terror e medo na qual nós, jovens, nascêramos e crescêramos. Impossível não nos identificarmos, à época, com a subversão juvenil encarnada por Julia, a personagem que ensina a Smith, no contexto repressivo que o oprime, o potencial revolucionário do amor e da libido.

Releio este 1984 agora, decorridos mais de 30 anos. Uma estranha sensação de descoberta — e atualidade — sobressalta-me a cada linha. Sabemos estar diante de um clássico quando uma obra, ao transcender as condições e o espírito do tempo na qual foi escrita, continua a oferecer à posteridade a capacidade de impressionar, comover, gerar sentidos. “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” — indica a certa formulação de Italo Calvino.

Há familiaridades demais em 1984 para os leitores deste início do século XXI. Orwell nos descreve uma paisagem distópica na qual as notícias são substituídas pela produção ostensiva de *fake news*, mentiras em série. Em que os fatos são manipulados de modo evidente, para então serem negados, alterados e omitidos. Em que negacionismos de toda espécie se impõem sobre a realidade objetiva e científica. Na qual os detentores do poder não se acanham em desmentir, no dia seguinte, tudo o que juraram ser a mais cristalina verdade ainda ontem, na véspera. “Seria possível as pessoas engolirem a informação oposta, passadas apenas 24 horas do anúncio original?”, pergunta-se Smith, em certo trecho da narrativa. “Sim, sem dificuldade, com a estupidez de uma besta”, constata.

No superestado de Oceania, cenário do livro, os responsáveis pela manutenção do regime são amorais, mas se dizem moralistas. Brutamontes, são inimigos declarados das artes, da cultura, das ciências. Quando as estatísticas oficiais lhes soam desfavoráveis, distorcem os números. Chegam a dizer que dois mais dois são cinco. A fim de manter os adeptos mobilizados de modo frenético, promovem campanhas sistemáticas contra inimigos reais e imaginários, denunciando o perigo de

supostas conspirações e confrarias secretas. Em rituais truculentos, a exemplo da Semana do Ódio, empunham faixas, cartazes e bandeiras patrióticas. Excita-se o fanatismo, açulam-se os ressentimentos, incentivam-se delações, mantém-se um estado de guerra permanente. Crianças desfilam com rifles de brinquedo. Forja-se até mesmo um sistema astronômico alternativo. Declara-se a Terra plana.

O Ministério da Verdade, em Oceania, dedica-se a promover a mentira. O Ministério da Paz trabalha para a perpetuação da guerra. O Ministério da Fatura induz à fome. O Ministério do Amor tortura os opositores. “Ignorância é força”, diz um dos principais *slogans* governamentais. Os relatos históricos são reescritos para que ninguém tenha acesso à memória coletiva. As próprias lembranças individuais são apagadas. “Quem controla o passado controla o futuro”, estabelece outra regra basilar de Oceania.

Para evitar o conhecimento complexo e o espírito crítico — o pensamento-crime, como definem as autoridades da Polícia das Ideias — reduz-se o idioma a poucas palavras, banem-se termos do vocabulário, resume-se a fala a um tartamudear desconexo e sem sentido: a novíngua, algo semelhante a um grasnado de um pato. “A finalidade é estreitar o âmbito do pensamento”, revela um dos personagens, ele próprio encarregado de produzir uma nova edição do dicionário oficial. “No fim, teremos tornado o pensamento-crime literalmente impossível, já que não haverá palavras para expressá-lo.”

Trabalha-se, enfim, para que os indivíduos sejam fanáticos, crédulos e ignorantes. Para que neles predominem o medo, o ódio e a subserviência. Mas se opera para que esses sentimentos negativos sejam vivenciados como algo positivo, produzindo uma sensação de conforto semelhante a um orgasmo cívico. Na verdade, um gozo devocional, uma servidão voluntária ao Grande Irmão — o *Big Brother* —, líder supremo a quem todos devem respeitar, temer e amar. “Agora havia medo, ódio e dor, mas não dignidade na emoção, não tristezas profundas ou complexas”, descreve Orwell.

Numa sociedade caracterizada pela eterna vigilância e pelo conseqüente cansaço dela decorrente, as emoções são anestesiadas, banalizadas, esvaziadas. Para tanto, ninguém





nunca está só, consigo mesmo. Cada gesto, ato e pensamento dos cidadãos é observado, gravado, escrutinado. Não há noção ou espaço de privacidade. As teletelas — aparelhos que estão por toda parte, no lar, na rua e no trabalho em Oceania — registram o cotidiano e averiguam hábitos, padrões e eventuais desvios de conduta, estes punidos com o cancelamento, ou melhor, com a vaporização, processo que torna o desviante, no léxico da novilíngua, uma *despessoa*.

Winston Smith é um funcionário subalterno do Departamento de Documentação, órgão ligado ao Ministério da Verdade. Seu trabalho consiste em reescrever as notícias de tempos passados, de modo a que os arquivos dos jornais correspondam aos interesses imediatos do Grande Irmão. Após receber as devidas orientações dos superiores, cabe a Smith alterar o texto original e eliminar para sempre a informação indesejada, atirando-a às chamas por meio de uma abertura retangular, o buraco da memória.

Os colegas de Smith atuam em atividades correlatas. Alguns são encarregados de produzir listas de livros a serem expurgados de bibliotecas; outros, de produzir manuais escolares, romances, poemas e filmes de acordo com as cartilhas da novilíngua. Nem mesmo os vídeos, considerados documentos fidedignos, escapam do chamado controle da realidade. Palavras postiças são colocadas artificialmente na boca de homens públicos, para que estes pareçam recitar discursos contrários ao que realmente disseram.

Se tudo isso lhe parecer terrivelmente familiar, caro leitor, não se espante. Sim, há um padrão universal — e atemporal — comum aos totalitarismos de toda espécie: a presença de um líder carismático, a manipulação das massas pelas propaganda ideológica, o falseamento da realidade, a corrosão sistemática das instituições democráticas; o uso do terror como estratégia para subjugar opositores, transformando-os de adversários em inimigos mortais.

Orwell escreveu este livro como um alerta aos leitores de seu tempo. É preciso estarmos alerta para impedir que ele permaneça atual.

Lira Neto

1984





Era um dia frio e brilhante de abril e os relógios marcavam 13 horas. Winston Smith, com o queixo aninhado em seu peito em um esforço para escapar do vento cruel, escorregou rapidamente pelas portas de vidro das Mansões Vitória¹, embora não rápido o suficiente para evitar que um redemoinho de poeira entrasse com ele.

O corredor cheirava a repolho cozido e tapetes velhos. Em uma das extremidades, um pôster colorido, grande demais para exibição em ambientes internos, tinha sido pregado na parede. Continha simplesmente um rosto enorme, medindo mais de um metro de largura: o rosto de um homem de cerca de 45 anos, com um bigode preto espesso e feições robustamente bonitas. Winston foi para as escadas. Não adiantava tentar o elevador. Até na melhor das hipóteses, raramente funcionava e, no momento, a corrente elétrica era cortada durante o dia. Fazia parte do esforço de economia em preparação para a Semana do Ódio. O apartamento ficava sete andares acima, e Winston, que tinha 39 anos e uma úlcera varicosa acima do tornozelo direito, subiu lentamente, descansando várias

1 Não são mansões, mas um condomínio de apartamentos especialmente desgastado (como fica claro adiante). A denominação megalomaniaca combina com o tom paradoxal do romance. (N.T.)

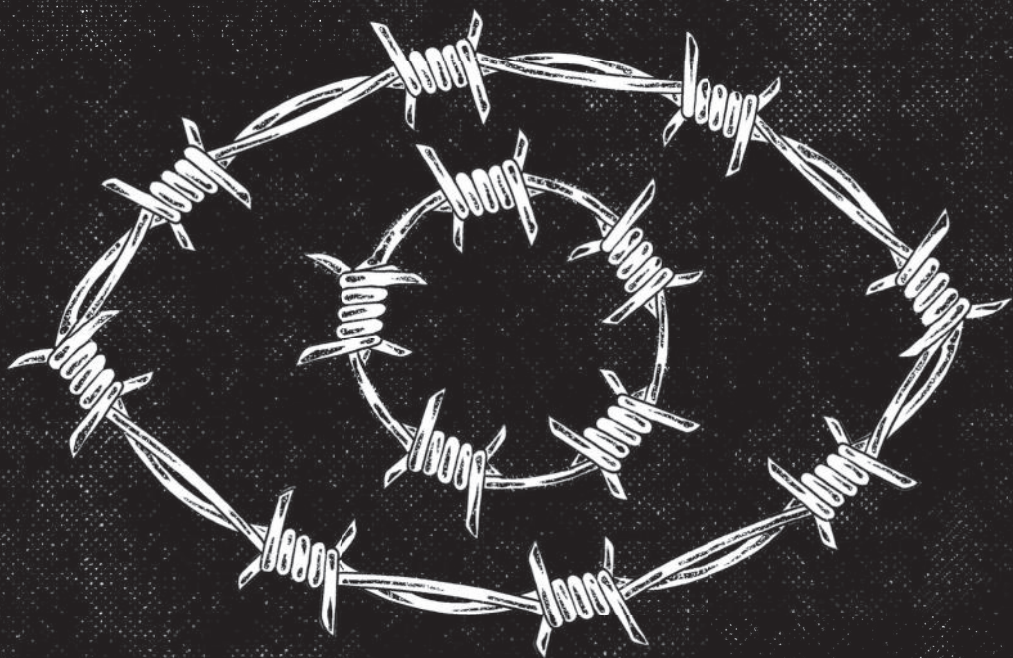
vezes no caminho. Em cada patamar, do lado oposto ao poço do elevador, estava o pôster com o rosto enorme olhando da parede. Era uma daquelas fotos tão artificiais que os olhos perseguem a pessoa ao caminhar. “O GRANDE IRMÃO ESTÁ OBSERVANDO VOCÊ”, dizia a legenda abaixo.

Dentro do apartamento, uma voz suave lia uma lista de cifras que tinham a ver com a produção de ferro-gusa. A voz vinha de uma placa de metal alongada como um espelho opaco que fazia parte da superfície da parede direita. Winston girou um botão e a voz diminuiu um pouco, embora as palavras ainda fossem distinguíveis. O instrumento (a teletela, como era chamado) poderia ser esmaecido, mas não havia como desligá-lo completamente. Ele foi até a janela: uma pequena e frágil figura, a magreza de seu corpo apenas enfatizada pelo macacão azul, que era o uniforme do Partido. O cabelo era muito claro, seu rosto naturalmente sanguíneo, sua pele áspera por causa do sabonete grosseiro, das lâminas de barbear cegas e do frio do inverno que tinha acabado de terminar.

Lá fora, mesmo através da vidraça fechada, o mundo parecia frio. Embaixo, na rua, pequenos redemoinhos de vento rodopiavam poeira e papel rasgado em espirais, e, embora o sol estivesse brilhando e o céu com um azul forte, parecia não haver cor em nada, exceto nos pôsteres colados em todos os lugares. O rosto de bigode preto olhava de cima, a partir de todos os pontos importantes.

Havia um na frente da casa imediatamente oposta. “O GRANDE IRMÃO ESTÁ OBSERVANDO VOCÊ”, dizia a legenda, enquanto os olhos escuros olhavam profundamente nos de Winston. Abaixo, no nível da rua, outro pôster, rasgado na ponta, balançava intermitentemente com o vento, cobrindo e descobrindo alternadamente a única palavra “SOCING”. Ao longe, um helicóptero que sobrevoava entre os telhados pairou por um instante como uma mosca azul e disparou novamente em um voo curvo. Era a patrulha policial, bisbilhotando pelas janelas das pessoas. As patrulhas não importavam, contudo. Apenas a Polícia do Pensamento importava.

Atrás das costas de Winston, a voz da teletela ainda tagarelava sobre o ferro-gusa e a superação das metas do Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia, simultaneamente.



Qualquer som que Winston fazia, acima do nível de um sussurro muito baixo, seria captado por ela, aliás, enquanto ele permanecesse dentro do campo de visão abarcado pela placa de metal, ele podia ser visto e também ouvido. É claro que não havia como saber se alguém estava sendo vigiado em um determinado momento. Com que frequência — ou em que sistema — a Polícia do Pensamento se conectava a qualquer tela individual era um trabalho de adivinhação. Era até concebível que eles observassem todo mundo o tempo todo. De qualquer jeito, porém, eles poderiam conectar-se a qualquer pessoa sempre que quisessem. Tinha-se de viver — e vivia-se do hábito que se tornara instinto — na suposição de que cada som era ouvido, e, exceto na escuridão, cada movimento examinado.

Winston ficou de costas para a teletela. Era mais seguro, porém, como ele sabia, até as costas podem ser reveladoras. A um quilômetro de distância, o Ministério da Verdade, seu local de trabalho, erguia-se vasto e branco acima da paisagem encardida. Isso — ele pensou com uma espécie de distanciamento vago — era Londres, principal cidade da Faixa Aérea Um, ela própria a terceira mais populosa das províncias da Oceania. Ele tentou extrair alguma memória de infância que deveria lhe dizer se Londres sempre fora assim. Sempre houvera esses cenários de casas apodrecidas do século XIX, lados escorados com pedaços de madeira, janelas remendadas com papelão e telhados com ferro corrugado, cercas vivas abandonadas se espalhando em todas as direções? E os locais bombardeados onde a poeira do gesso pairava no ar e a erva-de-salgueiro se espalhava pelos montes de entulho; e os lugares onde as bombas haviam eliminado uma área maior e surgiram sórdidas colônias de habitações de madeira como galinheiros? Não adiantou, ele não conseguia se lembrar: nada restou da sua infância, exceto uma série de quadros com imagens iluminadas contra um fundo inexistente e praticamente ininteligíveis.

O Ministério da Verdade — *Miniver*, em novilíngua² — era surpreendentemente diferente de qualquer outro objeto à vista.

2 Novilíngua era a língua oficial da Oceania. Para mais detalhes sobre sua estrutura e etimologia, ver o Apêndice. (NT.)

Tratava-se de uma enorme estrutura piramidal de concreto branco brilhante, elevando-se, terraço após terraço, 300 metros no ar. De onde Winston estava era apenas possível ler, destacados em sua face branca em letras elegantes, os três *slogans* do Partido:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

O Ministério da Verdade continha, dizia-se, três mil salas acima do nível do solo e ramificações correspondentes abaixo. Espalhados por Londres, havia apenas três outros edifícios de aparência e tamanho semelhantes. Tão completamente eles diminuía a arquitetura circundante que, do telhado das Mansões Vitória, podia se observar todos, simultaneamente. Eles eram as sedes dos quatro ministérios, entre os quais todo o aparato de governo estava dividido. O Ministério da Verdade, que se preocupava com notícias, entretenimento, educação e artes plásticas. O Ministério da Paz, que se preocupava com a guerra. O Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem. E o Ministério da Abundância, que era responsável pelos assuntos econômicos. Seus nomes, em novíln-gua: *Miniver*, *Minipaz*, *Miniamor* e *Miniabund*.

O Ministério do Amor era realmente assustador. Nele não havia janelas. Winston nunca tinha estado lá dentro, nem a meio quilômetro dele. Era um lugar impossível de entrar, exceto a negócios oficiais, e ainda assim apenas penetrando por um labirinto de emaranhados de arame farpado, portas de aço e ninhos de metralhadoras escondidos. Até as ruas que conduziam às suas barreiras externas eram percorridas por guardas com cara de gorila em uniformes pretos, armados com cassetetes articulados.

Winston virou-se abruptamente. Ele havia reconduzido suas feições a uma expressão de otimismo silencioso que era aconselhável usar quando se estivesse de frente para a teletela. Cruzou a sala para a pequena cozinha. Ao deixar o Ministério a esta hora do dia, tinha sacrificado seu almoço na cantina, e estava ciente de que não havia comida na cozinha, exceto um pedaço de pão que precisava ser guardado para o café da manhã de amanhã. Ele tirou da prateleira uma garrafa de líquido incolor com uma

etiqueta branca lisa que marcava “GIM VITÓRIA”. Exalava um cheiro enjoativo e oleoso, como o de aguardente de arroz chinês. Winston derramou quase uma xícara cheia de chá, se preparou para um choque e engoliu-o como uma dose de remédio.

Instantaneamente, seu rosto ficou vermelho e a água escorreu de seus olhos. O material era como ácido nítrico e, além disso, ao engoli-lo tinha-se a sensação de ser atingido na nuca por um cassetete. No momento seguinte, no entanto, a queimação em sua barriga morreu e o mundo começou a parecer mais alegre. Ele pegou um cigarro de um maço amassado onde se lia “CIGARROS VITÓRIA” e, incautamente, segurou-o na vertical, e então o tabaco caiu no chão. Com o próximo ele fora mais bem-sucedido. Voltou para a sala e sentou-se a uma mesinha que ficava à esquerda da teletela. Da gaveta da mesa, tirou um porta-canetas, um frasco de tinta e um grosso diário, de uns 30 centímetros, ainda sem nada escrito com quarta capa vermelha e capa marmorizada.

Por algum motivo, a teletela da sala estava em uma posição incomum. Em vez de ser colocada, como era normal, na parede final, de onde poderia comandar toda a sala, estava na parede mais longa, em frente à janela. De um lado dela havia uma alcova rasa na qual Winston estava agora sentado, e que, quando os apartamentos foram construídos, provavelmente tinha a intenção de conter estantes de livros. Sentando-se na alcova e mantendo-se bem afastado, Winston era capaz de permanecer fora do alcance da teletela, tanto quanto podia perceber. Podia ser ouvido, é claro, mas enquanto permanecesse em sua posição atual, não poderia ser visto. Em parte, a geografia incomum da sala sugerira o que estava prestes a fazer.

Isso também havia sido sugerido pelo livro que ele acabara de tirar da gaveta. Era um livro peculiarmente bonito. Seu papel macio e cremoso, um pouco amarelado pelo tempo, era de um tipo que não era fabricado havia pelo menos 40 anos. Ele podia imaginar, no entanto, que o livro era muito mais antigo do que isso. Ele o tinha visto na vitrine de uma pequena e desarrumada loja de sucata em um bairro pobre da cidade (exatamente de que bairro ele não se lembrava agora) e foi atingido imediatamente por um desejo irresistível de possuí-lo. Os membros do Partido não deveriam entrar em lojas comuns (negociando no livre mercado, era

chamado), mas a regra não era estritamente seguida, pois havia várias coisas, como cadarços e lâminas de barbear, que eram impossíveis de conseguir de qualquer outra maneira. Ele dera uma rápida olhada para cima e para baixo na rua e então se esgueirara para dentro e comprara o livro por dois dólares e cinquenta. Na época, não tinha consciência de desejá-lo para nenhum propósito específico. Carregou-o com culpa para casa em sua pasta. Mesmo sem nada escrito nele, era um bem comprometedor.

O que ele estava prestes a fazer era iniciar um diário. Isso não era ilegal (nada era ilegal, uma vez que não havia mais leis), mas se detectado era razoavelmente certo que seria punido com a morte, ou pelo menos 25 anos em um campo de trabalho forçado. Winston apoiou a caneta bico de pena no porta-canetas e a chupou para tirar a graxa. A bico de pena era um instrumento arcaico, raramente usado até mesmo para assinaturas, e ele havia adquirido uma, furtivamente e com alguma dificuldade, simplesmente por causa de uma sensação de que o lindo papel cremoso merecia ser escrito com uma caneta de verdade em vez de ser riscado com algo simplório.

Na verdade, ele não estava acostumado a escrever à mão. Além de notas muito curtas, era comum ditar tudo para o áudio-transcritor³, o que era obviamente impossível para seu propósito atual. Ele mergulhou a caneta na tinta e hesitou por um segundo. Um tremor percorreu suas entranhas. Marcar o papel foi o ato decisivo. Em pequenas letras desajeitadas, escreveu:

4 de abril de 1984.

Recostou-se. Uma sensação de completo desamparo desceu sobre ele. Para começar, ele não sabia com certeza se era 1984. Devia ser por volta disso, já que tinha quase certeza de que sua idade era 39, e acreditava ter nascido em 1944 ou 1945; mas hoje em dia nunca era possível definir qualquer data dentro de um ou dois anos.

Para quem — de repente, lhe ocorreu perguntar — escrevia este diário? Para o futuro, para os ainda não nascidos. Sua mente

3 No original, *speakwrite*. (N.T.)

pairou por um momento ao redor da questão sobre a data duvidosa na página, e então foi atingida com um choque pela palavra em novilíngua: *duplipensar*. Pela primeira vez, a magnitude do que ele havia empreendido se voltava contra ele. Como poderia se comunicar com o futuro? Isso era em sua natureza impossível. Ou o futuro se pareceria com o presente, caso em que não seria ouvido: ou seria bem diferente, e sua empreitada não fazia sentido.

Por algum tempo, ele ficou olhando estupidamente para o papel. A teletela mudou para uma música militar estridente. Foi curioso que ele parecia não apenas ter perdido o poder de se expressar, mas até mesmo ter esquecido o que originalmente pretendia dizer. Nas semanas anteriores, estava se preparando para este momento, e se passou por sua mente a ideia de que muitas coisas seriam necessárias, mas não coragem. A escrita em si seria fácil. Tudo o que ele precisava fazer era transferir para o papel o monólogo interminável e inquieto que vinha ocorrendo dentro de sua cabeça, literalmente, há anos. Neste momento, no entanto, mesmo o monólogo havia secado. Além disso, sua úlcera varicosa começou a coçar insuportavelmente. Ele não ousou coçar, porque, se o fizesse, então ficaria para sempre inflamada. Os segundos estavam passando. Não tinha consciência de nada, exceto do vazio da página à sua frente, da coceira na pele acima do tornozelo, do barulho da música e de uma leve bebedeira causada pelo gim.

Imediatamente, começou a escrever em puro pânico, apenas parcialmente certo do que estava anotando. Sua letra pequena e infantil espalhou-se para cima e para baixo na página, removendo primeiro as letras maiúsculas e, finalmente, até os pontos-finais:

4 de abril de 1984. Ontem à noite no cinema. Só filmes de guerra. Um muito bom de um navio cheio de refugiados sendo bombardeado em algum lugar do Mediterrâneo. O público se divertiu muito com as cenas de um homem gordo tentando nadar com um helicóptero atrás dele, primeiro via-se o homem chafurdando na água como uma toninha, depois através das miras dos helicópteros, depois ele estava cheio de buracos e o mar ao seu redor ficava rosa e

ele afundava tão repentinamente como se os buracos tivessem deixado a água entrar, o público gritava de tanto rir quando ele afundou, então via-se um barco salva-vidas cheio de crianças com um helicóptero pairando sobre ele. Havia uma mulher de meia-idade que poderia ser uma judia sentada na proa com um menino de cerca de 3 anos em seus braços, o garotinho gritando de susto e escondendo a cabeça entre seus seios como se estivesse tentando se enterrar bem dentro dela e a mulher colocando os braços em volta dele e confortando-o, embora ela mesma estivesse azul de medo, o tempo todo cobrindo-o tanto quanto possível como se pensasse que seus braços pudessem manter as balas longe dele. Em seguida, o helicóptero plantou uma bomba de 20 quilos neles um flash incrível e o barco virou pedacinhos de madeira. Logo após, houve uma cena maravilhosa do braço de uma criança subindo subindo subindo e voando pelo ar um helicóptero com uma câmera frontal deve ter seguido o braço da criança para filmar a cena e houve muitos aplausos dos assentos do Partido, mas uma mulher na parte proletária da casa de repente começou a fazer barulho e a gritar que eles não deveriam mostrar não na frente das crianças eles não deviam fazer isso não é certo não na frente das crianças não é até que a polícia a denunciou eu suponho que nada tenha acontecido com ela ninguém liga para o que os proletários dizem. Reação típica do proletariado eles nunca

Winston parou de escrever. Em parte, porque estava sofrendo de câibras. Ele não sabia o que o fizera derramar este fluxo de asneiras; mas o curioso é que, enquanto o fazia, uma memória totalmente diferente havia se esclarecido em sua mente, a ponto de quase se sentir em condições de escrever. Foi, ele agora percebera, por causa deste outro incidente que ele decidira, de um momento para outro, voltar para casa e começar o diário naquele dia.

Acontecera naquela manhã no Ministério, se é que algo tão nebuloso acontecera.

Eram quase 11 horas, e no Departamento de Registros, onde Winston trabalhava, eles estavam arrastando as cadeiras para

fora dos cubículos e agrupando-as no centro do salão em frente à grande teletela, em preparação para os Dois Minutos de Ódio. Winston estava apenas tomando seu lugar em uma das filas do meio, quando duas pessoas, que ele conhecia de vista, mas com quem jamais havia falado, entraram inesperadamente na sala. Uma delas era uma garota por quem costumava passar nos corredores. Ele não a conhecia pelo nome, mas sabia que trabalhava no Departamento de Ficção. Presumivelmente — já que às vezes a tinha visto com mãos oleosas e carregando uma chave inglesa — ela fazia algum trabalho mecânico em uma das máquinas de escrever romances. Era uma garota de aparência provocante, de cerca de 26 anos, com cabelos volumosos, rosto sardento e movimentos rápidos e atléticos. Uma estreita faixa vermelha, emblema do Liga Júnior Antissexo, fora enrolada várias vezes em volta da cintura de seu macacão, apenas com força suficiente para destacar a modelagem de seus quadris. Winston não havia simpatizado com ela desde que a vira pela primeira vez. Ele sabia o motivo. Era por causa da atmosfera de campos de hóquei e banhos frios, e caminhadas comunitárias e de higiene geral que ela conseguia carregar. Ele não gostava de quase nenhuma das mulheres, especialmente das jovens e bonitas. Sempre tinham sido as mulheres, e sobretudo as jovens, as adeptas mais fanáticas do Partido, pertencentes aos grupos de engolidores de *slogans*, espiões amadores e delatores da heterodoxia. Essa garota, em particular, porém, deu a ele a impressão de ser mais perigosa do que a maioria. Uma vez, quando eles passaram pelo corredor, ela deu-lhe um rápido olhar de soslaio que pareceu perfurá-lo e, por um momento, encheu-o de terror sombrio. Até passou por sua mente a ideia de que ela poderia ser uma agente da Polícia do Pensamento. Isso, na verdade, era muito improvável. Ainda assim, continuou a sentir uma inquietação peculiar, misturada com medo, bem como hostilidade, sempre que ela estava por perto.

A outra pessoa era um homem chamado O'Brien, membro do Partido Interno e detentor de algum cargo tão importante e remoto que Winston tinha apenas uma vaga ideia de sua natureza. Um silêncio momentâneo passou pelo grupo de pessoas ao redor das cadeiras, enquanto eles observavam o macacão preto de

um membro do Partido Interno se aproximando. O'Brien era um homem grande e forte, com um pescoço largo e grosseiro, rosto expressivo e brutal. Apesar de sua aparência assustadora, tinha um certo charme nas maneiras. Se valia de um truque para recomodar os óculos no nariz curiosamente desconcertante — de alguma forma indefinível, curiosamente civilizado. Era um gesto que, se alguém ainda pudesse pensar nesses termos, poderia se lembrar de um nobre do século XVIII, oferecendo sua caixa de rapé. Winston tinha visto O'Brien talvez uma dúzia de vezes em vários anos. Sentiu-se profundamente atraído por ele, e não apenas porque estava intrigado com o contraste entre a maneira sofisticada de O'Brien e seu físico de lutador. Muito mais por causa de uma crença secreta — ou talvez nem mesmo uma crença, apenas uma esperança — de que a ortodoxia política de O'Brien não fosse perfeita. Algo em seu rosto sugeria isso, irresistivelmente. E, novamente, talvez não fosse nem mesmo heterodoxia que estivesse escrita em seu rosto, mas simplesmente inteligência. De qualquer maneira, entretanto, ele tinha a aparência de ser uma pessoa com quem se poderia conversar se de algum modo conseguisse trapacear a teletela e pegá-lo sozinho. Winston jamais havia feito o menor esforço para verificar essa suposição: na verdade, não havia como fazer isso. Naquele momento, O'Brien olhou para o relógio de pulso, viu que eram quase 11 horas e, evidentemente, decidiu permanecer no Departamento de Registros até o fim dos Dois Minutos de Ódio. Ele ocupou uma cadeira na mesma fileira que Winston, a dois lugares de distância. Uma pequena mulher de cabelos cor de areia que trabalhava no cubículo ao lado de Winston estava entre eles. A garota com cabelos escuros estava sentada imediatamente atrás.

No momento seguinte, um discurso horrível e estridente, como de uma máquina monstruosa funcionando sem graxa suficiente, irrompeu da grande teletela no final da sala. Era um barulho que fazia ranger os dentes e eriçava os cabelos da nuca. O Ódio tinha começado.

Como de costume, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, apareceu na tela. Houve assobios aqui e ali entre a plateia. A pequena mulher de cabelos cor de areia deu um grito de medo e nojo misturados. Goldstein era o renegado

e apóstata que, outrora, há muito tempo (ninguém se lembrava direito), fora uma das principais figuras do Partido, quase no mesmo nível do próprio Grande Irmão, e então, engajado em atividades contrarrevolucionárias, tinha sido condenado à morte, escapara misteriosamente e desaparecera. Os programas dos Dois Minutos de Ódio variavam diariamente, mas não havia nenhum em que Goldstein não fosse a figura principal. Ele foi o traidor primordial, o profanador mais antigo da pureza do Partido. Todos os crimes subseqüentes contra o Partido, todas as traições, atos de sabotagem, heresias, desvios, surgiram diretamente do seu ensino. Em algum lugar, ainda estava vivo e incubando suas conspirações: talvez em algum lugar além-mar, sob a proteção de seus financiadores estrangeiros, talvez até — assim falavam os ocasionais rumores — em algum esconderijo na própria Oceania.

O diafragma de Winston estava contraído. Ele não podia ver o rosto de Goldstein sem uma dolorosa mistura de emoções. Era um rosto judeu magro, com uma grande auréola felpuda de cabelos brancos e um pequeno cavanhaque — um rosto inteligente, mas de algum modo inerentemente desprezível, com uma espécie de tolice senil no nariz comprido e fino, perto da ponta do qual estava empoleirado um par de óculos. Parecia ter o rosto de uma ovelha, e a voz também tinha uma qualidade de ovelha. Goldstein estava entregando seu ataque venenoso de costume sobre as doutrinas do Partido — um ataque tão exagerado e perverso que uma criança deveria ser capaz de enxergar sua falsidade, e ainda assim plausível o suficiente para encher alguém com um sentimento alarmante de que outras pessoas, menos equilibradas, podiam ser levadas por ele. Insultava o Grande Irmão, denunciando a ditadura do Partido, exigindo a imediata conclusão da paz com a Eurásia, defendia a liberdade de expressão, liberdade de imprensa, liberdade de reunião, liberdade de pensamento; chorava histericamente, dizendo que a revolução havia sido traída — e tudo isso em um discurso polissilábico e rápido que era uma espécie de paródia do estilo habitual dos oradores do Partido, que continha mesmo palavras em novilíngua: mais palavras em novilíngua que, de fato, qualquer membro do Partido normalmente usaria na vida real. E o tempo todo, para que ninguém ficasse em dúvida quanto à realidade das mentiras

que Goldstein proferia, atrás de sua cabeça na teletela, marchavam as colunas intermináveis do exército eurasiático — fileira após fileira de homens de aparência sólida com rostos asiáticos inexpressivos, que marchavam até a superfície da tela até desaparecer, para serem substituídas por colunas semelhantes. O som lento e rítmico das botas dos soldados formava o fundo para o balido de Goldstein.

Antes que o Ódio continuasse por 30 segundos, exclamações de raiva incontrolláveis irromperam de metade das pessoas no salão. O rosto de ovelha satisfeito consigo mesmo na tela e o poder aterrorizante do exército eurasiático por trás dele também eram muito para serem suportados: além disso, a visão e mesmo o pensamento de Goldstein produziam medo e raiva, automaticamente. Ele era um objeto de ódio mais constante do que a Eurásia ou a Lestásia, pois quando a Oceania estava em guerra com uma dessas potências, estava geralmente em paz com a outra. Era estranho, porém, que, embora Goldstein fosse odiado e desprezado por todos, malgrado todos os dias e mil vezes ao dia, nas plataformas, nas teletelas, nos jornais, nos livros, suas teorias eram refutadas, esmagadas, humilhadas, aviltadas diante da opinião pública por causa do lamentável lixo que eram. Apesar de tudo isso, sua influência nunca pareceu crescer menos. Sempre havia novos idiotas esperando para serem seduzidos por ele. Nunca se passou um dia sem que espiões e sabotadores, agindo sob suas ordens, não fossem desmascarados pela Polícia do Pensamento. Ele era o comandante de um vasto e sombrio exército, uma rede clandestina de conspiradores dedicada à derrubada do Estado. A Irmandade, parecia ser o seu nome. Também havia histórias sussurradas de um livro terrível, um compêndio de todas as heresias, do qual Goldstein era o autor e que circulava clandestinamente aqui e ali. Era um livro sem título. As pessoas se referiam a ele, se é que o faziam, simplesmente, como *o livro*. Somente se sabia, no entanto, dessas coisas por meio de vagos rumores. Nem a Irmandade tampouco o livro eram um assunto que qualquer membro comum do Partido mencionaria se houvesse uma maneira de evitá-lo.

Em seu segundo minuto, o Ódio atingiu o frenesi. As pessoas estavam pulando para cima e para baixo em seus lugares

e gritando ao máximo de suas vozes em um esforço para abafar o balido enlouquecedor que saía da tela. A pequena mulher de cabelos cor de areia havia ficado extremamente enrubescida, e sua boca abria e fechava como a de um peixe desembarcado. Até o rosto pesado de O'Brien estava vermelho. Sentado muito ereto em sua cadeira, seu peito poderoso inchava e tremia como se estivesse se levantando para enfrentar o ataque de uma onda. A garota de cabelos escuros atrás de Winston começou a gritar "Porco! Suíno! Porco!" e, num átimo, pegou um pesado dicionário de novilíngua e jogou-o na tela. O objeto atingiu o nariz de Goldstein e ricocheteou; a voz continuou inexoravelmente. Em um momento de lucidez, Winston descobriu que estava gritando com os outros e batendo o calcanhar violentamente contra a barra da cadeira. A coisa horrível sobre os Dois Minutos de Ódio não era que alguém fosse obrigado a desempenhar um papel, mas que era impossível evitar a adesão. Em 30 segundos, qualquer tentativa era sempre desnecessária. Um êxtase horrível de medo e vingança, um desejo de matar, torturar, esmagar rostos com uma marreta parecia fluir por todo o grupo de pessoas como uma corrente elétrica, transformando a pessoa, mesmo contra sua vontade, em um lunático carrancudo e histérico. E, ainda, a raiva sentida era uma emoção abstrata e aleatória que podia ser direcionada de um objeto para outro como a chama de um maçarico. Assim, em dado momento, o ódio de Winston não se voltava contra Goldstein, mas, ao contrário, contra o Grande Irmão, o Partido e a Polícia do Pensamento; e nesses momentos seu apoio ia para o herege solitário e ridicularizado na tela, único guardião da verdade e da sanidade em um mundo de mentiras. E, no entanto, no instante seguinte, ele estava de acordo com as pessoas ao seu redor, e tudo o que fora dito de Goldstein lhe parecia verdade. Nesses momentos, sua aversão secreta ao Grande Irmão mudava para adoração, e o Grande Irmão parecia se erguer, um protetor invencível e destemido, levantando-se como uma rocha contra as hordas da Eurásia e de Goldstein. Apesar de seu isolamento, seu desamparo e a dúvida que pairava sobre sua existência, parecia ser algum feiticeiro sinistro, capaz, pelo mero poder de sua voz, de destruir a estrutura da civilização.

Era até possível, em alguns momentos, mudar o ódio de uma coisa para outra por um ato voluntário. Inopinadamente, pelo tipo de esforço violento com o qual alguém levanta a cabeça do travesseiro em um pesadelo, Winston conseguiu transferir seu ódio do rosto na tela para a garota de cabelos escuros atrás dele. Alucinações vívidas e bonitas passaram por sua mente. Iria açoiá-la até a morte com um cassetete de borracha. Ele a amarraria nua em uma estaca e deixaria cheia de flechas como São Sebastião. A violaria e cortaria sua garganta no momento do clímax. Além disso, melhor do que antes, percebeu por que a odiava. Ele a odiava porque era jovem, bonita e assexuada, porque ele queria ir para a cama com ela e nunca o faria, porque, em volta de sua cintura doce e flexível, que parecia pedir para ser envolvida pelo seu braço, havia apenas a odiosa faixa vermelha, símbolo agressivo de castidade.

O Ódio atingiu seu clímax. A voz de Goldstein havia se tornado um verdadeiro balido e, por um instante, o rosto mudou para o de uma ovelha. Em seguida, o rosto de ovelha se transformou na figura de um soldado eurasiiano que parecia estar avançando, enorme e terrível, sua submetralhadora rugindo e parecendo saltar da superfície da tela, de modo que algumas das pessoas na primeira fila realmente recuaram em seus assentos. Ao mesmo tempo, entretanto, provocando um profundo suspiro de alívio em todos, a figura hostil transformou-se no rosto do Grande Irmão, de cabelo preto, bigode espesso, cheio de poder e calma misteriosa, e tão vasto que quase encheu a tela. Ninguém ouviu o que o Grande Irmão estava dizendo. Foram apenas algumas palavras de encorajamento, do tipo que são ditas no barulho da batalha, não distinguíveis individualmente, mas que restauravam a confiança pelo fato de terem sido proferidas. Em seguida, o rosto do Grande Irmão desapareceu novamente e, em vez disso, os três *slogans* do Partido se destacaram em letras maiúsculas e em negrito:

GUERRA É PAZ
LIBERDADE É ESCRAVIDÃO
IGNORÂNCIA É FORÇA

O rosto do Grande Irmão, no entanto, pareceu persistir por vários segundos na tela, como se o impacto que havia causado nos olhos de todos estivesse vívido demais para desaparecer imediatamente. A pequena mulher de cabelos cor de areia havia se lançado para a frente sobre as costas da cadeira seguinte. Com um murmúrio trêmulo que soou como “Meu Salvador!”, ela estendeu os braços em direção à tela. Então, enterrou o rosto nas mãos. Era evidente que estava proferindo uma oração.

Nesse momento, todo o grupo de pessoas começou a entoar um canto profundo, lento e rítmico de “G-I! ... G-I!” — de novo e de novo, muito lentamente, com uma longa pausa entre o primeiro “G” e o segundo — um som pesado e murmurante, de algum modo curiosamente selvagem, em cujo fundo se parecia ouvir o bater de pés descalços e o latejar de gongos. Por talvez quase 30 segundos não cessou. Era um refrão frequentemente ouvido em momentos de emoção avassaladora. Em parte, uma espécie de hino à sabedoria e majestade do Grande Irmão, entretanto, era mais ainda um ato de auto-hipnose, um afogamento deliberado da consciência por meio do ruído rítmico. As entranhas de Winston pareceram congelar. Nos Dois Minutos de Ódio, não podia evitar de compartilhar do delírio geral, contudo, esse canto subumano de “G-I! ... G-I!” sempre o enchia de terror. Claro que ele cantou com o resto: era impossível fazer de outra maneira. Dissimular seus sentimentos, controlar seu rosto, fazer o que todos os demais estavam fazendo, era uma reação instintiva; mas houve um espaço de alguns segundos durante o qual a expressão de seus olhos poderia conceberivelmente tê-lo traído. E foi exatamente neste momento que a coisa significativa aconteceu — se, de fato, aconteceu.

Momentaneamente, ele chamou a atenção de O'Brien. O homem tinha se levantado. Ele havia tirado os óculos e estava reinstalando-os em seu nariz com seu gesto característico. Houve, porém, uma fração de segundo quando seus olhos se encontraram, e pelo momento em que esse encontro aconteceu, Winston sabia — sim, sabia! — que O'Brien estava pensando a mesma coisa que ele. Uma mensagem inconfundível tinha sido passada. Era como se as duas mentes tivessem se

aberto e os pensamentos fluíssem de uma para a outra por meio de seus olhos. “Estou com você”, O’Brien parecia estar dizendo a ele. “Eu sei exatamente o que você está sentindo. Eu sei tudo sobre o seu desprezo, seu ódio, sua repulsa. Mas não se preocupe, estou do seu lado!” Então, o lampejo de compreensão se fora e o rosto de O’Brien ficou tão inescrutável quanto o de todos os outros.

Isso era tudo, e ele já não tinha certeza se isso tinha acontecido. Esses incidentes nunca tiveram qualquer sequência. Tudo o que eles fizeram foi manter viva nele a crença, ou esperança, de que outros além dele eram os inimigos do Partido. Talvez os rumores de vastas conspirações clandestinas fossem verdadeiros, afinal — talvez a Irmandade realmente existisse! Era impossível, apesar das intermináveis prisões, confissões e execuções, ter certeza de que não era simplesmente um mito. Em alguns dias ele acreditava nisso, em outros não. Não havia nenhuma evidência, apenas vislumbres fugazes que podiam significar qualquer coisa ou nada: fragmentos de conversas, rabiscos fracos nas paredes do banheiro — uma vez, mesmo, quando dois estranhos se encontravam, um pequeno movimento da mão parecia ser um sinal de reconhecimento. Era tudo adivinhação: muito provavelmente ele havia imaginado tudo. Encaminhou-se de volta ao seu cubículo sem olhar para O’Brien novamente. A ideia de prosseguir com seu contato momentâneo dificilmente passou por sua mente. Teria sido inconcebilmente perigoso, mesmo se ele soubesse como começar. Por um segundo ou dois eles trocaram um olhar ambíguo e esse foi o fim da história. Mesmo esse, contudo, fora um evento memorável, na solidão trancafiada em que se era obrigado a viver.

Winston se levantou e endireitou o corpo. Soltou um arrote. O gim estava subindo de seu estômago.

Seus olhos voltaram a se concentrar na página. Descobriu que, enquanto estivera sentado impotente e meditando, também tinha escrito, como se por ação automática. E não era mais a mesma letra apertada e desajeitada de antes. Sua caneta havia deslizado voluptuosamente pelo papel liso, imprimindo em maiúsculas grandes e ordenadas:

ABAIXO O GRANDE IRMÃO
ABAIXO O GRANDE IRMÃO
ABAIXO O GRANDE IRMÃO
ABAIXO O GRANDE IRMÃO
ABAIXO O GRANDE IRMÃO

Repetidamente, enchendo meia página.

Ele não pôde deixar de sentir uma pontada de pânico. Era um absurdo, já que a escrita dessas palavras particulares não era mais perigosa do que o ato inicial de começar o diário, mas por um momento ele foi tentado a arrancar as páginas estragadas e abandonar o projeto completamente.

Ele não o fez, porém, porque sabia que era inútil. Se escrevesse “ABAIXO O GRANDE IRMÃO”, ou caso se abstinésse de escrever a frase, não faria diferença. Se continuasse ou não com o diário, não faria diferença. A Polícia do Pensamento iria pegá-lo de igual maneira. Ele havia cometido — ainda teria cometido, mesmo se nunca tivesse tocado com a caneta no papel — o crime essencial que continha todos os outros em si mesmo. O Crime de Pensamento, eles o chamavam. Não era algo que pudesse ser escondido para sempre. Era possível se esquivar com sucesso por um tempo, mesmo por anos, mas mais cedo ou mais tarde eles iriam pegá-lo.

Era sempre à noite — as prisões aconteciam, invariavelmente, à noite. A sacudidela repentina do sono, a mão áspera apertando seu ombro, as luzes brilhando em seus olhos, o círculo de rostos duros em volta da cama. Na maioria dos casos, não havia julgamento nem relatório da prisão. As pessoas simplesmente desapareciam, sempre durante a noite. Seus nomes eram removidos dos registros, e cada um desses registros, de tudo o que já se havia feito, era eliminado; sua existência única era negada e depois esquecida. Você era abolido, aniquilado: *vaporizado* era a palavra usual.

Por um momento, ele fora tomado por uma espécie de histeria. Começou a escrever em uma garatuja apressada e desordenada:

Eles vão atirar em mim, eu não me importo, eles vão atirar na minha nuca, eu não me importo com o grande irmão, eles sempre atiram na sua nuca eu não me importo com o grande irmão.

Recostou-se na cadeira, ligeiramente envergonhado de si mesmo, e largou a caneta. No momento seguinte, levantou-se violentamente. Estavam batendo à porta.

Agora! Ele ficou imóvel como um rato, na vã esperança de que, quem quer que fosse, se evadisse depois da primeira tentativa; mas não, o bater foi repetido. O pior de tudo seria atrasar. Seu coração estava batendo como um tambor, mas seu rosto, por um hábito muito antigo, estava provavelmente inexpressivo. Levantou-se e caminhou pesadamente em direção à porta.



Ao colocar a mão na maçaneta, Winston percebeu que havia deixado o diário aberto sobre a mesa. “ABAIXO O GRANDE IRMÃO” estava escrito por toda parte, em letras quase grandes o suficiente para serem legíveis em toda a sala. Foi um absurdo estúpido ter feito aquilo; mas, percebeu, mesmo em seu pânico, que não queria manchar o papel cremoso fechando o livro enquanto a tinta estivesse molhada.

Prendeu a respiração e abriu a porta. Instantaneamente, uma onda quente de alívio fluiu por dentro. Uma mulher sem cor, de aparência alquebrada, com cabelos ralos e rosto enrugado, estava parada do lado de fora.

— Oh, camarada — ela começou com uma voz melancólica, choramingando —, eu pensei ter ouvido você entrar. Você poderia vir aqui do outro lado e dar uma olhada na pia da nossa cozinha? Está entupida e...

Era a Sra. Parsons, esposa de um vizinho do mesmo andar (“Sra.” era uma palavra um tanto desacreditada pelo Partido — devia-se chamar todo mundo de camarada —, mas com algumas mulheres era usado instintivamente). Ela era uma mulher de cerca de 30 anos, mas parecendo muito mais velha. Teve a